

Prefácio

Falar de um poeta é escutar o eco da música particular que deixa em nós, isto é, o seu secreto e íntimo pulsar. O discurso sobre a sua poesia deveria ser uma simples viagem pelas imagens que deixa em nós. Não o podendo, todavia, tentemos aproximarmo-nos dos signos com que o poeta fala a si próprio, fascinando-nos, nessa tríade entre linguagem, sonho e realidade.

Este livro de Dora Gago é o último volume de uma trilogia de Macau que engloba os contos de *Floriram por engano as rosas bravas*, a obra *Palavras Nómadas* e encerra-se agora com *Flores de Cinza*. Resultado de uma experiência rica, a escrita da autora conta com o reconhecimento público e alguns prémios prestigiados, reflectindo-se aqui a maturidade do seu trabalho de linguagem, vibrante, sensorial e elegante. Durante os anos em que viveu em Macau certamente acolheu o impacto dessa vivência que procurou transfigurar através do seu labor literário.

Se *Floriram por engano as rosas bravas* é um livro de contos breves, cujo título foi tomado de empréstimo a um belís-

simo verso (e um poema) do melancólico Camilo Pessanha, em *Clepsidra, Palavras Nómadas* é um livro de crónicas que nasce da sua vivência em Macau, bem como da sua vertente de viajante e aventureira, como precisou Onésimo Teotónio Almeida, de forma muito elogiosa. *Flores de Cinza* muda o registo e encontramos-nos diante de uma escrita poética e sensível, construída por poemas breves.

Comecemos pelo título, que vem de um verso de Natália Correia, em que a poeta escreve: »(...)E a flor de cinza da juventude é uma aresta(...)». Entendo-o como um paradoxo, pois se o conceito de flor remete para o esplendor da vida e para a beleza efémera, já a noção de cinza nos orienta na direcção do que já desapareceu e se dissipa no ar. E é justamente neste território que todo o livro se situa, entre a experiência da beleza e do desejo – este entendido não propriamente como erótico – mas como impulso de vida – e o outro lado da vida humana, que é a memória. E há uma corrente que o atravessa, que é a ideia de viagem. Não é por acaso que a obra é constituída por três capítulos: «Exílios», «Permanências» e «Regressos». Há, portanto, uma coesão e uma unidade assinalável, em que o tempo se configura como uma marca de água subtil, conduzindo o leitor através desta *viagem*. E no primeiro poema, intitulado «Início», o sujeito poético escreve: «Sigo as pegadas da memória/ inscritas na areia do tempo/e sou navio/ancorado sem leme/nem alento.». O mote da partida é dado, o convite à viagem também é feito ao leitor, cúmplice desta errância.

Em «Ausência», o vocábulo «cinzas» aparece-nos, para dar conta da ausência e da solidão, que aparece de forma recorrente, nos versos «sangue da solidão», «Mastigas solidão», em imagens fortes e melancólicas. Mesmo quando não é enunciado o vocábulo, a presença da solidão frisa a experiência do exílio e da saudade. Um dos mais belos poemas do livro, na minha opinião, é «destino»:

Na louca corrida
do galgo abandonado
solitário de existir,

lamber as feridas da morte
na pele do poema.

Trata-se de um poema onde a escrita poética é apresentada como vertigem («na louca corrida») movida por um impulso alegórico, em que a presença da morte emerge. O destino é certamente essa corrida desvairada em que a morte ronda os vivos e só o poema pode salvar ou redimir aqueles.

Em «Permanências», encontramos também o tempo e o instante, como instâncias principais. Versos como «cristalizar o instante», no poema «Permanecer», dão-nos conta do que é a mais exemplar tarefa da poesia, contrapondo o *Kairos* ao *Cronos*. O instante toca-nos com a leveza de sonho e com o seu excesso de que o pensamento procura dar conta. A escrita de Dora Nunes

Gago contém uma dimensão reflexiva, abordando temas como a criação ou a passagem do tempo, entre muitos outros, e recorrendo a uma linguagem rica, tanto vocabular, como ao nível prosódico, na busca de efeitos que acentuem a tensão do poema.

O poema breve, porventura influência da poesia oriental, como o haiku, reforça essa dimensão da tensão. Em «Ano Novo Lunar», o sujeito poético fala dessa tensão, quase irrespirável, a do «poema ofegante», comparando-o a uma «fera presa/na jaula da palavra». Pode-se dizer que a autora tem o instinto do poeta e a natureza do filósofo, acentuando na sua poesia uma visão consciente da precariedade da vida, simbolizada na cinza, e simultaneamente um olhar iluminado pela beleza das coisas simples e ínfimas. É no jogo deste equilíbrio que a sua escrita caminha, dialogando com o mundo e se os seus temas não são certamente novos, no entanto, o sujeito poético tem o condão de os renovar, à luz do seu olhar irradiante e sereno. E termino, citando o último poema, «Retorno», do capítulo «Regressos»:

Regressar a casa
tatar montes e vales
na retina,
regar as flores de cinza
renascidas
nas frestas pedregosas
da esperança.

O último verso fecha esta obra com a palavra esperança e saímos deste universo a louvar a vida, renascendo da cinza, qual eterna fénix, que sempre retorna e se constitui como celebração do essencial que os poemas guardam e que, por isso, são poemas.

Início

Sigo as pegadas da memória
inscritas na areia do tempo
e sou navio
ancorado sem leme
nem alento.

Ambição

O movimento das ondas
gravado no teu corpo,
Eco de asas
a bordar o azul
além do infinito.

Ausência

Danças cinzas solenes
silvando sopros de saudade,
céus
soletrados
no sangue
da solidão.

Índice

5	Prefácio
13	I. EXÍLIOS
15	Início
16	Ambição
17	Ausência
18	Solidão
19	Incerteza
20	Dádiva
21	Outra margem
22	Redenção
23	Espera
24	Ansiedade
25	Desilusão
26	Resistência
27	destino
29	II. PERMANÊNCIAS
31	Permanecer
32	Vazio
33	Criação

34	Passagem dos dias
35	Momentos
36	Oriente
37	Mãos
38	Insegurança
39	Angústia
40	Evocação
41	Miragem
42	Ilusão
43	Esperança
44	Ano Novo Lunar
46	Abandono
47	Ficar
48	Memória do presente
49	Quem muito viu
51	III.REGRESSOS
53	Fractura
54	Acaso
55	Fim de semana
56	Ícaro
58	Que tudo caiba num verso
59	Poética I
60	Poética II
61	Poética III
62	Escrever
63	Resiliência
64	Henqin

65	Sedução
66	Entardecer
67	Separação
68	Instante
69	Devaneio
70	Memória
71	Estuário I
72	Estuário II
73	Abandono
74	Paixão
75	Fugaz eterno
76	Lembrança
77	Retorno